

## “VOCÊ VÊ. VOCÊ LÊ. VOCÊ OUVÊ”: A CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS NO RÁDIO E AS TRANSFORMAÇÕES NAS VIVÊNCIAS DE LAZER DE TORCEDORES-OUVINTES DE FUTEBOL

Recebido em: 27/01/2020

Aprovado em: 19/08/2020

Licença: 

*Velise de Oliveira Maciel*<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Mauro Lúcio Maciel Júnior*<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Campus Governador Valadares  
Governador Valadares – MG – Brasil

**RESUMO:** O objetivo desse estudo é compreender as percepções de indivíduos sobre o ato de ouvir futebol pelo rádio, tomando como referência a comparação com outros meios de comunicação e as transformações que a tecnologia – sobretudo a internet – tem trazido às transmissões radiofônicas. Considerando que essa ação faz parte do lazer de muitos brasileiros, nosso estudo é fruto de combinação entre pesquisa bibliográfica e de campo, com sua parte empírica realizada através de um questionário respondido por 20 ouvintes da Rádio Inconfidência (BH/MG). Os resultados mostram que o rádio é visto como um meio de comunicação que permite uma maior aproximação entre o público e os transmissores das disputas esportivas. Nesse contexto, as novas tecnologias se colocam como ferramentas que estreitam esses laços, possibilitando o aumento da participação do ouvinte durante as transmissões e elevando a identificação do torcedor com a emissora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rádio. Futebol. Atividades de Lazer.

## “YOU SEE. YOU READ. YOU HEAR”: THE CONVERGENCE OF MEDIA ON RADIO AND THE TRANSFORMATIONS IN THE LEISURE EXPERIENCES OF SOCCER SUPPORTERS-LISTENERS

**ABSTRACT:** The objective of this study is to understand the perceptions of individuals about the act of listening to soccer on the radio, taking as a reference the comparison with other media and the transformations that technology - especially the internet - has brought to radio broadcasts. Considering that this action is part of the leisure of many Brazilians, our study is the result of a combination of bibliographic and field research, with its empirical part carried out through a questionnaire answered by 20 listeners from *Rádio*

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH) e especialista em Gestão Cultural pelo Centro Universitário UNA. Produtora Executiva da Rádio Inconfidência e mestrandia em Estudos do Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>2</sup> Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre e doutorando em Estudos do Lazer, pela mesma instituição. Professor substituto na Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Avançado de Governador Valadares (UFJF-GV).

*Inconfidência (BH/MG)*. The result shows that the radio is seen as a way of communication that allows a closer relationship between the public and the transmitters of sports disputes. In this context, new technologies are placed as tools that strengthen these ties, making possible to increase the participation of the listener during the broadcasts and raising the fan's identification with the broadcaster.

**KEYWORDS:** Radio. Soccer. Leisure Activities.

## Introdução

“Ele pega a sobra fora da *área*, arranca pela esquerda, cruza e é Gol! GoooooIIII do Brasil”. Em um país onde o futebol possui forte inserção no meio social, frases como as escritas acima fazem parte da vida de um contingente significativo de pessoas. Presentes em momentos tradicionalmente destinados a vivências de lazer, elas criam imagens que remetem a disputas que ocorrem dentro de um campo de futebol. Podem ser visualizadas, assim, como um marco da aproximação desse esporte com alguns dos significados que marcam o cotidiano do cidadão brasileiro.

Representando uma modalidade esportiva amplamente difundida no Brasil, o futebol é um elemento recorrente em variadas experiências lúdicas vividas por sua população. Tendo aportado no país nos anos finais do século XIX, teve sua prática expandida e massificada no século seguinte. Para tanto, houve a contribuição de diversos fatores, dentre os quais destacamos a importância exercida pelos meios de comunicação.

Ao relatarem os acontecimentos do dia a dia das cidades brasileiras, tais veículos participaram ativamente do processo que permitiu que o futebol se tornasse, aos poucos, uma prática conhecida pelas pessoas. Inicialmente divulgadas nos jornais impressos, circulantes entre a minoria letrada no país, as informações sobre esse esporte ganharam maior poder de reprodução a partir da década de 1930, com a criação da Rádio Nacional (CREPALDI, 2009).

Foi nesse período, conhecido como “a era de ouro do rádio”, que tiveram início as primeiras transmissões de partidas de futebol no Brasil, as quais contribuíram com a ampliação da popularidade desse esporte. Difundido em determinadas cidades brasileiras, o futebol encontrou no rádio um importante aliado para expandir o alcance e a intensidade de sua presença no cotidiano da população. Como consequência, surgiam transformações não apenas nas formas de vivenciar esse esporte, mas nas próprias representações que dele se faziam.

Ao narrar as partidas e falar da modalidade nas transmissões radiofônicas, os locutores criavam estratégias para reproduzir e veicular as emoções da disputa, ao passo que os torcedores, na condição de ouvintes, precisavam se manter atentos para entender e imaginar o que se passava no campo de jogo. Dentre outras coisas, esse processo foi fundamental para a criação de um público apaixonado e fiel ao futebol.

Com a chegada da televisão, entretanto, o rádio passou por um período de perda de representatividade. Nesse contexto, as transmissões de competições esportivas, bem como de programas informativos e de debates sobre esportes, sobretudo daqueles com temas centrados no futebol, foram e continuam sendo fundamentais para o alcance de bons níveis de audiência para muitas emissoras radiofônicas. Em tempos de aceleradas transformações tecnológicas, essa programação tem se apresentado de novas formas ao público, trazendo inovações na produção técnica e nas narrativas produzidas e veiculadas pelo rádio.

Seguindo tendências presentes nas formas de vivenciar aquilo que Schwartz (2003) definiu como conteúdo virtual do lazer, acompanhar uma partida de futebol por dispositivos radiofônicos vem se tornando algo cada vez mais visual e interativo. Capazes de formar ambientes específicos para a vivência do lazer, as experiências inseridas nesse espectro proporcionam um encurtamento das relações espaço-tempo, ao passo que

possibilitam a ampliação do dinamismo e da simultaneidade das interações interpessoais (SCHAWARTZ, 2003). O surgimento e a popularização da internet se colocam, por sua vez, como elementos fundamentais para a reinvenção das formas de produzir e de se apropriar dos conteúdos veiculados pelo rádio.

Nos dias de hoje, escutar a narração de uma partida de futebol pode envolver diversas experiências de interatividade, diminuindo as fronteiras entre a produção e a recepção de conteúdo. Ouvintes, locutores e comentaristas estão em contato direto durante as transmissões, fato que pode ser visto como razão e consequência da transformação do rádio “numa grande constelação de signos sonoros, textuais e imagéticos” (PRATA, 2012, p. 80).

A vivência de lazer que outrora se centrava na escuta atenciosa da partida de futebol, capaz de construir imagens e mobilizar emoções, passa agora pelo contato entre o torcedor-ouvinte e um novo conjunto de experiências. Com elas, surgem possibilidades desse sujeito se sentir integrado ao espetáculo transmitido, não somente pela interação com os profissionais da rádio, mas também pelo contato com outras pessoas na escuta.

Participantes ativos do processo de comunicação, os torcedores exercem um papel fundamental para a ressignificação dos processos de transmissão e acompanhamento de futebol pelo rádio. Tendo em vista que essa configuração pode estar intrinsecamente ligada a vivências de lazer, o objetivo desse artigo é compreender a percepção dos ouvintes sobre o ouvir futebol pelo rádio, tomando como referência tanto a comparação com outros meios de comunicação, quanto as transformações que a tecnologia – sobretudo a internet – têm trazido às formas como eles se comportam durante as transmissões radiofônicas.

## Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho é resultado de uma combinação entre pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Visando obter subsídios para a investigação proposta, desenvolvemos, inicialmente, uma revisão de literatura a fim de obter bases para a incorporação, a articulação e a superação de conceitos correlatos ao objeto da pesquisa (MINAYO, 2002).

Assim, foram despendidos esforços na busca por material teórico acerca do futebol, sua chegada no Brasil e a importância dos meios de comunicação para sua difusão e apropriação como vivência de lazer. De modo paralelo, procuramos, também, por estudos sobre o rádio e as evoluções desse dispositivo ao longo dos anos.

No que se refere ao trabalho de campo, foi feita a aplicação de um questionário durante duas jornadas esportivas da Rádio Inconfidência<sup>3</sup>, ocorridas no ano de 2019. Ao interagir pelo *WhatsApp*<sup>4</sup> durante a transmissão do jogo, o ouvinte recebeu uma mensagem contendo o enunciado a seguir:

“Convido você a participar de uma pesquisa acadêmica sobre Futebol e Rádio. Para isso, basta responder a quatro perguntas:

- a) Que diferenças você percebe da narração esportiva no rádio em relação a outros meios de comunicação?;
- b) Você percebe alguma diferença na narração de futebol no rádio, ao longo dos anos, desde que você escuta?;
- c) Depois da internet, algo mudou no modo como você vivencia as transmissões esportivas?;
- d) Qual a sua opinião sobre a interatividade e participação de ouvintes durante uma jornada?”.

A mensagem foi enviada pelo comentarista da transmissão, atual coordenador de esportes da Rádio Inconfidência, José Augusto Toscano. No que se refere ao retorno dos ouvintes, foram obtidas respostas de 20 indivíduos, os quais constituem o grupo amostral da pesquisa.

---

<sup>3</sup> A Rádio Inconfidência é uma emissora de rádio pública, de propriedade do Estado de Minas Gerais, criada no ano de 1936.

<sup>4</sup> *WhatsApp Messenger* ou apenas *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo para celulares.

Para a apreciação dos dados foi utilizada a análise de conteúdo fundamentada por Triviños (1987). Segundo esse autor, há três fases distintas nesse processo: a pré-análise, onde é feita a organização do material; a descrição analítica, na qual é feito um estudo mais profundo do material levantado; e o tratamento dos resultados obtidos, que consiste em validar e interpretar as informações coletadas.

Assim, na pré-análise, realizamos a organização das mensagens recebidas, através da separação do conteúdo enviado por cada ouvinte. Todas as mensagens foram agrupadas em um mesmo arquivo digital, contendo a íntegra das informações textuais enviadas pelos indivíduos. Nessa fase houve, também, a transcrição das falas encaminhadas em forma de áudio.

Na descrição analítica, por sua vez, empreendemos um trabalho de leitura cuidadosa das informações obtidas, na tentativa de identificar elementos que nos permitissem responder às perguntas propostas. Nesse sentido, buscamos por aproximações e distanciamentos nas falas dos sujeitos e, a partir desses procedimentos, criamos categorias de análise para agrupar os aspectos mais relevantes para o estudo.

Por fim, na etapa de tratamento dos resultados, as informações destacadas foram apresentadas e discutidas dentro de cada uma das categorias de análise. Tal separação foi feita tomando como referência as perguntas enviadas aos ouvintes.

## **A Difusão do Futebol como Lazer no Brasil e a Importância dos Meios de Comunicação**

Institucionalizado na Inglaterra no ano de 1863<sup>5</sup>, o futebol começou a ser praticado no Brasil nos anos finais do século XIX. Com uma predominância da

---

<sup>5</sup> O movimento de institucionalização do futebol como uma modalidade esportiva está ligado a um embate que resultou no estabelecimento de distinções formais entre o *rugby* e o futebol. Em decorrência de

participação de pessoas pertencentes às elites social e econômica da época, esse esporte se colocou, já naquele momento, como um objeto de interesse dos meios de comunicação.

Capaz de despertar a atenção da parcela economicamente mais rica da sociedade, ávida por se adequar a diferentes símbolos da modernidade europeia, o futebol tornou-se figura presente na cobertura jornalística brasileira. Com a utilização de termos em inglês para descrever elementos que se relacionavam a esse esporte (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016), apropriar-se de seus sentidos representava uma possibilidade de distinção social.

Em uma sociedade marcada por estruturas rígidas e por flagrantes desigualdades nas condições de vida de seus integrantes, houve resistências para a democratização do acesso a esse esporte, no intuito de restringir sua apropriação à elite da época. Assim, enquanto para esses indivíduos o futebol se colocava como “uma nova prática corporal (esportiva e de lazer) que se oferecia à experiência cotidiana” (MASCARENHAS, 2000), para a maior dos brasileiros ele apresentava barreiras de acesso que extrapolavam as questões referentes à classe social.

Com a escravidão recém abolida, as diferenciações entre negros e brancos eram ainda bastante presentes, tanto no imaginário das pessoas, quanto nas possibilidades de ocupar os espaços sociais. No decorrer do tempo, no entanto, o futebol passou a se fazer presente na realidade das classes trabalhadoras. A difusão desse esporte nas fábricas pode ser vista, dentre outros motivos, como decorrente das partidas que reuniam funcionários ingleses e operários brasileiros. Como consequência, já nas primeiras décadas do século XX, era possível visualizar certas associações operárias com a finalidade de formar times de futebol (LEMOS, 2005).

---

divergências entre os modos de jogar, houve a separação de dois grupos: o primeiro grupo formulando o que seria o *rugby* e o segundo, em 1863, criando a *Football Association* (FA) – ou Associação de Futebol, em português –, estabelecendo o formato atual que conhecemos para o futebol (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016).

O surgimento dessas equipes propiciou a realização de confrontos entre grupamentos de diferentes fábricas e, posteriormente, a realização de embates entre times de operários e selecionados formados por associados de clubes da elite. Esse movimento fez com que, já nos anos de 1920, o futebol começasse a figurar como cultura de massa (LEMOS, 2005). Alimentando rivalidades entre equipes das mesmas cidades, esse esporte foi se tornando “cada vez mais apropriado por uma população diferente da que o havia difundido”, contemplando praticantes “mulatos, negros, pobres e analfabetos” (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016, p.43).

Vale destacar, no entanto, que esse processo não ocorreu sem que houvesse resistência de uma parcela de seus praticantes. Dando forma a uma espécie de “luta de classes”, as discussões sobre a profissionalização do futebol podem ser notadas como um marco das disputas entre dois grupos de interesses. De um lado estavam os defensores do amadorismo, que desejavam preservar o caráter elitista do futebol, enquanto que de outro se colocavam os favoráveis ao profissionalismo, apoiando transformações que permitiam uma maior difusão do esporte.

Representando uma oportunidade para que integrantes das camadas mais pobres da sociedade pudessem ser remunerados pela prática do futebol, o profissionalismo acabou vencendo essa disputa. Apoiado por dirigentes de clubes operários e de outras agremiações com caráter menos elitistas, muitas das quais haviam se tornado mais fortes com a participação de jogadores vindos de classes populares, o movimento pela profissionalização ganhou força, também, por ir de encontro a anseios presentes no contexto político da época.

Consolidada na década de 1930, dentro da Era Vargas (1930-1945), a profissionalização veio em um momento caracterizado pela presença do Estado como agente impulsionador do desenvolvimento econômico e da ampliação da industrialização.

Indo de encontro às perspectivas adotadas nos primeiros anos desse governo, a institucionalização do ingresso e do pagamento de jogadores negros, pobres, mulatos e analfabetos nas equipes de futebol, enquadrava-se numa direção de estabelecer políticas sociais para beneficiar os trabalhadores sem prejudicar os lucros da burguesia urbana (SANTOS, 2010).

Nesse sentido:

A profissionalização dos atletas era perfeita para atingir a duplicidade das medidas tomadas pelo governo Vargas. Primeiro, entrava no contexto da legalização do trabalhador, da assinatura de um contrato, de direitos econômicos reconhecidos por lei [...]. Por outro lado, dava aos dirigentes e associados do clube a possibilidade de tratar seus jogadores de futebol como empregados do clube e não mais como sócios (SANTOS, 2010, p.414).

Na medida em que esse período reunia condições propícias à expansão do rádio pelo território brasileiro, devido à chegada de novas tecnologias, juntamente com o crescimento da circulação de produtos e capitais, houve o interesse no investimento em equipamentos de radiodifusão, considerados como meios eficientes de comunicação (CREPALDI, 2009). Com os dirigentes esportivos e políticos brasileiros começando a notar a popularidade potencial do futebol, sobretudo a partir do Torneio Sul Americano (MOSTARO, 2016), ampliou-se o espaço para que esse instrumento comunicativo se colocasse como protagonista na disseminação da modalidade.

Tal como dito por Mostaro (2016), a partir da década de 1930, narrativas midiáticas colocando o futebol como um dos pilares do significado de ser brasileiro foram se tornando cada vez mais presentes no noticiário nacional. Seguindo um desejo do governo Vargas de buscar um elemento identitário do país, o futebol foi notado como uma manifestação social capaz de reunir parcelas heterogêneas do povo brasileiro. Em meio a inúmeros antagonismos, inerentes a uma sociedade desigual, essa modalidade poderia unificar “diferentes pensamentos em um único, formando uma identidade legítima do que viria a ser o nacional” (MOSTARO, 2016, p. 24),

Para tanto, o Estado despontou como agente regulamentador do esporte e os meios de comunicação exerceram um papel fundamental no processo de construção de um determinado pensamento social. Interessado em se apropriar do futebol como “meio de mobilização das massas”, o governo buscou estratégias para fazer da Seleção Brasileira “uma instituição capaz de estabelecer uma identidade ao país recém-promovido à República” (FERREIRA; SOUZA, 2016, p.69).

As Copas do Mundo ocorridas na década de 1930 serviram como agentes importantes para a materialização desses intentos, tal como pode ser visto em Brinati (2016). Com presença crescente nos jornais do período, tais competições foram alvo de discursos midiáticos que, além de se mostrarem otimistas quanto ao desempenho da Seleção, deram força ao estabelecimento de uma identidade relativa ao modo brasileiro de jogar futebol. Caracterizado pela presença de elementos como “improviso, intensidade, ofensividade, dribles, floreios com a bola e jogadas inesperadas”, esse estilo marcaria um jeito único de praticar a modalidade (MOSTARO, 2016, p. 19).

Mais do que unificar o povo brasileiro em torno do orgulho de deter as características daquilo que ficou conhecido como “futebol-arte”, a construção desse imaginário tinha efeito em diferentes dimensões da vida social. Conforme os jogadores adquiriam mais destaque nos noticiários, foi sendo forjada a construção de ídolos que, além de terem suas imagens utilizadas para vender produtos, serviam de inspiração para as novas gerações. Em um país marcado por condições estruturais de racismo, pobreza e desigualdades sociais, o sonho da ascensão através da prática do futebol começou a ser nutrido pelo exemplo de atletas como Leônidas da Silva e Domingos da Guia (MOSTARO, 2016), figuras mais representativas da Seleção Brasileira na década de 1930.

Como consequência desses fatos, foram sendo fortalecidas as relações entre o futebol e o povo brasileiro, de modo que esse esporte pôde se constituir, gradualmente, como um símbolo identitário do país. Com equipes e campeonatos ativos de norte a sul no território nacional, esse esporte foi se estabelecendo como uma vivência de lazer cada vez mais popular, fato propiciado também pelo desenvolvimento tecnológico, que permitiu que as notícias e as transmissões ao vivo da modalidade se tornassem crescentemente integradas ao cotidiano das pessoas.

### **O Rádio e as Transmissões Futebolísticas no Brasil**

Segundo Edileuza Soares, autora do livro *A Bola no Ar: o Rádio Esportivo em São Paulo*, a irradiação pioneira desse esporte no Brasil ocorreu ano de 1931 (SOARES, 1994, p.29), em partida narrada por Nicolau Tuma, locutor da Rádio Sociedade Educadora Paulista. Retratando um embate entre as seleções de São Paulo e do Paraná, o jogo foi realizado na Chácara da Floresta, no bairro paulistano da Ponte Grande. Com o placar final de 6 x 4 para os paulistas (SOARES, 1994, p.31), esse acontecimento representou um marco importante para a cena futebolística nacional, visto que, antes de sua ocorrência, o rádio se limitava a repetir notícias dos jornais, transmitindo informações após a realização dos certames.

Dentro desse contexto, para saber algo sobre as partidas em andamento, era necessário ir aos estádios para ver de perto os acontecimentos que se desenrolavam dentro de campo. A partida narrada e transmitida ao vivo no dia 19 de julho de 1931, deu início, então, a uma revolução na forma, no alcance e na velocidade de difundir informações sobre o futebol no Brasil.

É preciso entender, no entanto, que não houve um caminho fácil para a efetivação dessas transformações. Além das questões técnicas, ligadas ao custo e ao trabalho

necessário para a montagem das instalações, há de se destacar pontos relativos às estratégias dos locutores na realização de um novo tipo de trabalho. Sobre isso, Prado (2012) ressalta a falta de número nas camisas dos jogadores, que obrigava o narrador a decorar a fisionomia dos atletas, e a necessidade de criar uma linguagem para os ouvintes entenderem o que se passava dentro de campo.

De forma complementar, Soares (1994) aponta outras dificuldades, como o fato de não haver um local reservado ao locutor naquela época. Segundo a autora, os primeiros locutores ficavam junto com a torcida. Também lembra que, na época, não havia nem comentaristas, nem repórteres, o que fazia com que o locutor fosse obrigado a falar os dois tempos de 45 minutos sem parar.

Tais dificuldades, entretanto, foram contornadas por Nicolau Tuma, que ficou conhecido como *Speaker Metralhadora*, em decorrência de seu estilo rápido de narrar. Fazendo descrições minuciosa dos lances, a partir do acompanhamento de cada movimento dos jogadores em campo, esse locutor criou uma estratégia eficiente para a transmissão de futebol no rádio.

Apreciador da modalidade desde os tempos de criança e profundo conhecedor de suas regras, Tuma desenvolveu formas didáticas e envolventes para relatar o que se passava dentro de campo. Buscando ensinar o futebol aos ouvintes, chegou a pedir que o público visualizasse o campo imaginando um retângulo, ou pegando uma caixa de fósforos enquanto escutava os jogos (SOARES, 1994). Contribuiu, assim, para agregar mais apreciadores à modalidade, uma vez que facilitava o acompanhamento e a compreensão do esporte, mesmo por parte daqueles que não podiam comparecer pessoalmente ao local da disputa.

Contrariamente a isso, quando começaram a ocorrer as primeiras transmissões de futebol pelo rádio, diretores e presidentes de clubes se posicionaram contra sua realização,

acreditando que esse instrumento representaria uma concorrência à assistência do esporte dentro de campo. Temendo o esvaziamento dos estádios, até então a única fonte de renda das equipes, chegaram a estabelecer proibições para a entrada de narradores nos espaços dos jogos.

Para a reversão desse cenário, foi necessário que o tempo mostrasse os efeitos positivos do rádio na ampliação do público do futebol. Por promover o aumento do contato das pessoas com essa modalidade, o rádio auxiliou na expansão da ocupação e, conseqüentemente, na necessidade de crescimento dos estádios. Nesse sentido, pode-se mencionar uma sinergia na relação entre o futebol e o referido meio de comunicação. Enquanto um difundia mensagens esportivas a um contingente cada vez maior de pessoas, o outro ajudava a popularizar o veículo de massa que há pouco chegara ao país (PRADO, 2012).

Os sentimentos transmitidos pelos narradores ampliavam o interesse e o afeto do público para com suas equipes e ídolos. O momento do gol, sempre um ponto de alta carga emocional, foi então sendo moldado de forma a trazer para o ouvinte um pouco da atmosfera de êxtase vivida nas arquibancadas. Para tanto, fundamental foi a contribuição do locutor Manoel Bittencourt Rebello Júnior.

Criador do grito longo para narrar o momento mais esperado do futebol, ele chegou a se automear como “o homem do gol inconfundível”. Locutor da Rádio Difusora de São Paulo, valeu-se da empolgação dos torcedores para ampliar o grito de gol até quase ficar sem ar. O que até então era uma exceção, tornou-se um requisito entre os locutores esportivos, fazendo com que a enunciação prolongada do gol virasse referência em diversos países do mundo (SOARES, 1994).

Outro locutor que deixou sua marca na transmissão esportiva, foi Ary Evangelista Barroso. Popularmente conhecido como Ary Barroso, ele, além de ter sido um importante

compositor e autor da canção “Aquarela do Brasil”, teve uma carreira bem-sucedida como radialista, dando origem a um estilo mais descontraído nas transmissões esportivas. Ainda na década de 1930, ao tocar uma gaita de boca quando os gols eram marcados no gramado, deixou seu legado para as jornadas futebolísticas. As vinhetas e efeitos sonoros, aprimorados posteriormente por diversas rádios, e que são usadas hoje nas transmissões esportivas, tiveram sua origem com o “homem da gaitinha” (PRADO, 2012).

No que se refere a inovações externas à figura do locutor, a década de ouro do rádio ficou marcada pelas primeiras aparições dos repórteres de campo e dos comentaristas esportivos. No ensaio “Rádio e Futebol: gritos de Gol de Norte a Sul”, Almeida e Micelli (2004) afirmam que é nesse período que se encontram os primeiros registros de atuações desses profissionais nos campos brasileiros. Assim, o jornalista gaúcho Ary Lund foi a primeira pessoa a exercer a função de comentarista esportivo no país.

Sua aparição inicial se deu quando o locutor Gagliano Neto o chamou no intervalo de um jogo, para que ele desse sua opinião sobre o desempenho dos times, dos jogadores e comentasse a respeito das principais jogadas da partida. A abertura de espaço para esses profissionais encontrava motivação em um fator objetivo, baseado no receio que as rádios tinham de que os ouvintes trocassem de estação durante o intervalo. Falar o que havia acontecido no primeiro tempo se colocava, então, como uma maneira de segurar a audiência do torcedor (ALMEIDA; MICELLI, 2004).

Com relação ao repórter de campo, Almeida e Micelli (2004) afirmam que, no Rio de Janeiro, Geraldo Romualdo da Silva foi a primeira pessoa a desempenhar tal função. Atuando pela Rádio Globo, ele foi também pioneiro na utilização do microfone sem fio, que dava maior mobilidade e agilidade nos deslocamentos durante as partidas.

A evolução na disponibilização de linhas telefônicas, devido a melhorias nas telecomunicações brasileiras e à transmissão via micro-ondas em meados da década de 1960, também garantiram um impulso do “ao vivo” nas reportagens de campo. No período entre 1960 e 1990, as emissoras continuaram a utilizar diferentes modelos de microfones sem fio e linhas telefônicas fixas para transmitir os jogos, que eram instaladas com antecedência nos campos de futebol.

Com o passar do tempo, outras transformações foram ocorrendo, fazendo com que o futebol no rádio fosse gradativamente se aproximando dos moldes conhecidos nos dias atuais. O modelo de narração esportiva com um locutor, um comentarista de jogo, um de arbitragem e os repórteres em campo não é, então, algo que nasceu pronto. Para sua efetivação, contribuíram a existência de avanços tecnológicos, questões contextuais, o pioneirismo e a criatividade de determinados profissionais em diferentes épocas.

Atualmente, o rádio trabalha com diferentes linguagens e o som também dialoga com o vídeo, a fotografia, a infografia e o texto escrito, gerando o conceito de rádio expandido. Aparelhado pelos meios digitais, o rádio pode oferecer não apenas os elementos sonoros tradicionais (voz, efeitos), mas toda uma arquitetura de interação. No rádio expandido a audiência não apenas escuta e presta atenção, mas critica, elogia, participa e interage com outros ouvintes em múltiplas plataformas (KISCHINHEVSKY, 2012).

Conforme a sociedade contemporânea tem possibilitado a ocorrência de variadas formas de relação interpessoal, ocasionadas, sobretudo, pela evolução das tecnologias da informação e da comunicação, a experiência de ouvir o rádio vem acompanhando suas transformações. Dentre outras coisas, nota-se uma tendência do ouvinte de se colocar como um participante cada vez mais ativo na programação, influenciando diretamente no conteúdo veiculado e produzido por esses meios.

No caso das transmissões futebolísticas, que são comumente difundidas em tempos sociais destinados à vivência do lazer, têm sido abertas possibilidades para a troca de mensagens por *WhatsApp*, a realização de comentários via *Instagram*<sup>6</sup>, *Facebook*<sup>7</sup>, *Twitter*<sup>8</sup>e, até mesmo, o acompanhamento da transmissão por ferramentas de *streaming*<sup>9</sup>ao vivo, fora do dial. Com isso, pode-se perceber um movimento que mostra esse sujeito, cada vez mais, se deslocando “de sua passividade como consumidor de notícias para um nível de maior interação com o acontecimento e com a circulação das informações” (ZIMMERMANN, 2012, p. 183).

A experiência de ouvir uma partida de futebol pelo rádio está sendo, assim, transformada, passando a agregar novas percepções e possibilidades de interação do torcedor-ouvinte. Além de escutar o jogo, esse indivíduo pode ver imagens das cabines de transmissão, enquanto lê comentários de outras pessoas e envia suas próprias mensagens, se colocando como participante ativo da construção da jornada esportiva.

### **A Experiência do Futebol pelo Rádio a partir das Percepções dos Torcedores-Ouvintes da Rádio Inconfidência**

Fundada no dia 03 de setembro de 1936, a Rádio Inconfidência AM 880 surgiu com a função de integrar o estado de Minas Gerais. Fruto de um momento em que as tecnologias da informação apresentavam uma expansão no Brasil, essa emissora pretendia ser um canal efetivo de comunicação da população mineira, com programação voltada à realidade das pessoas do estado. Nesse sentido, já no primeiro slogan a rádio

---

<sup>6</sup> *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

<sup>7</sup> *Facebook* é uma rede social criada no ano de 2004, com o objetivo de conectar pessoas com os indivíduos ao seu redor, compartilhando fatos e momentos importantes de suas vidas.

<sup>8</sup> *Twitter* é uma rede social no formato de micro *blog*, que permite que seus usuários enviem e recebam informações pessoais de outros contatos, em tempo real.

<sup>9</sup> *Streaming* é uma tecnologia representada por uma forma de transmissão digital similar ao rádio e à televisão, com a veiculação de conteúdos via internet, sem a necessidade de descarga de dados.

mostrava o vínculo que pretendia estabelecer com seu lugar de origem, ao se declarar como a difusora da “voz de Minas para toda a América”.

O grande articulador deste projeto foi o então secretário de agricultura, Israel Pinheiro que, em maio de 1935, enviou às prefeituras mineiras uma circular pedindo dinheiro para montar uma rádio difusora no estado. Apresentando uma carência de estradas asfaltadas e de linhas de telefonia, habitado por uma população predominantemente rural e uma economia agrária, Minas Gerais tinha autoridades ávidas pelo desenvolvimento de um canal mais eficiente de integração entre os municípios e capital. Nesse contexto, a criação de uma rádio estatal aparecia como uma boa alternativa para atingir o objetivo dos governantes.

Com a adesão de prefeituras ao projeto, o dinheiro arrecadado foi sendo utilizado para comprar os equipamentos necessários. A fazenda Gameleira, pertencente ao Instituto João Pinheiro, recebeu o primeiro sistema de transmissores da rádio. Os primeiros estúdios, por sua vez, ficavam no edifício Feira Permanente de Amostras, que também foi inaugurado em 1936. Em pouco tempo, o prédio transformou-se num centro cultural e social da cidade, com restaurante, auditório e salão de baile. Também era um local onde os comerciantes e industriais de Minas vinham expor os seus produtos.

Buscando proporcionar uma grade variada de conteúdos aos seus ouvintes, a Inconfidência apostou, logo em seus primeiros anos, na presença dos esportes em sua programação. Foi assim que, no ano de 1938, se colocou como a primeira emissora de Minas Gerais a transmitir, de outro país, uma Copa do Mundo de Futebol.

No que se refere ao estabelecimento formal de um departamento de esportes, a primeira referência encontrada remete a uma publicação da Revista Alterosa, de janeiro de 1942. Com a divulgação de uma foto do locutor Moacir Gama, seguida do comentário de que as irradiações esportivas da Rádio Inconfidência arrebatavam multidões, a

reportagem dá mostras do gosto da população por esse tipo de transmissão. Em agosto de 1944, na mesma revista, novamente um comentário sobre Moacir Gama:

Desde 1935, Gama, o popular locutor esportivo vem animando a reportagem da PRI-3, com geral satisfação por parte do grande público da Inconfidência. Gama não é apenas um locutor seguro e criterioso, que procura dar a sua atuação um cunho de imparcialidade e justiça, condições básicas para o êxito de uma reportagem desse gênero. Ele é, antes de tudo, um técnico, perfeito conhecedor de todos os esportes em que deve atuar. Através de sua palavra fácil e fluente, a PRI-3 vem irradiando num louvável esforço de bem servir ao público que frequenta a sua onda, todos os grandes peritos de futebol, natação, basquete, regatas, luta livre etc. Moacir Gama comanda ainda o programa “Esporte no Ar” que a PRI-3 irradia diariamente às 19,45hs, com notas e comentários sobre o panorama esportivo local e nacional (REVISTA ALTEROSA, 1944, p. 104).

Ao fazer a leitura do trecho acima, podemos notar que são mencionadas características do locutor, condizentes à caracterização desse profissional feita anteriormente. Descrito como um profundo entendedor de esportes, esse sujeito possui as credenciais necessárias para transmitir ao ouvinte informações precisas e seguros daquilo que se passa dentro de campo. Nesse sentido, podemos dizer que Moacir Gama, ao desempenhar seu trabalho com qualidade, contribuiu para que a Rádio Inconfidência pudesse construir uma trajetória importante nas transmissões esportivas no estado de Minas Gerais.

Com uma atuação competente, o referido locutor abriu espaço para que outros profissionais o sucedessem, fazendo com que a emissora tenha continuado a transmitir jogos até os dias atuais. Com a veiculação de jornadas esportivas em seu canal de AM, ondas curtas e também através da internet, a Inconfidência vem atingindo ouvintes tanto do interior do estado de Minas Gerais como de outros lugares do Brasil e até do Exterior.

No que diz respeito às percepções dos ouvintes sobre a narração esportiva no rádio, tendo como referência as quatro questões enviadas aos ouvintes durante as transmissões, foram encontrados os resultados descritos na tabela a seguir. Enquadrados em diferentes categorias, pensadas a partir dos questionamentos enviados aos torcedores, esses dados representam os enunciados mais frequente nas respostas de cada pergunta.

**Tabela 1: Categorização das Respostas Obtidas do Questionário**

| <b>Percepções sobre a transmissão/narração o esportiva no rádio em relação a outros meios de comunicação</b>  | <b>Transformações nas transmissões/narrações esportivas ao longo do tempo</b>  | <b>Mudanças proporcionadas pela popularização da internet</b>  | <b>Percepções sobre as possibilidades de interatividade e participação proporcionadas pela internet</b>  |
|---|--|--|--|
| - Mais emoção;<br>- Maior interação com o ouvinte;<br>- Traz uma maior curiosidade para o evento esportivo;<br>- É uma transmissão que prende mais a atenção. | - Locutores buscam inovar nas narrações;<br>- Introdução das mulheres na narração esportiva;<br>- Presença das mulheres “no campo”;<br>- Narradores e repórteres melhoraram muito para falar sobre o jogo;<br>- Criação de alternativas para interagir com pessoas que não estão necessariamente interessadas nos jogos. | - Faz com que a transmissão atinja um número maior de pessoas;<br>- Não percebi mudança;<br>- Sim, mudou (sem justificativas). | - Excelente a possibilidade de participação dos ouvintes e a reciprocidade dos narradores e comentaristas;<br>- Oportunidade para que os ouvintes possam expressar suas opiniões.<br>- Maior entusiasmo em escutar as partidas, por poder participar das transmissões. |

Fonte: elaborada pelos autores.

Tendo esses resultados como referência, é possível dizer que, quando comparada ao que é feito em outros meios de comunicação, a narração esportiva do rádio é vivenciada de forma diferente pelo torcedor. A presença de características relativas à capacidade de transmitir um maior teor emocional, despertar mais curiosidade, ampliar a interação e prender mais intensamente a atenção trazem revelações importantes. Para compreender esse cenário, é necessário unir elementos inerentes à difusão radiofônica, com estratégias de locução desenvolvidas nessa trajetória.

Por não possuir o suporte visual, o rádio traz uma atmosfera diferenciada à partida de futebol. Condicionando a formação da imagem àquilo que é dito pelo locutor, esse instrumento amplia a curiosidade e a apreensão do ouvinte, que, por não conseguir ver o que acontece dentro de campo, precisa se manter atento às informações sonoras que lhe são passadas. Consequentemente, o torcedor se coloca em maior proximidade com o inesperado, o que contribui para elevar a carga emocional que envolve o acompanhamento do jogo.

Ao longo da história, os próprios narradores usaram desses elementos para desenvolver estratégias capazes de tornar a transmissão radiofônica atraente ao público.

Contrariando o ideal de isenção pregado pelos manuais de jornalismo, a transmissão futebolística se estabeleceu com um teor emocional e coloquial, no intuito de retratar o esporte como um elemento popular, acessível a todos os públicos e classes sociais.

Exemplificando essas ponderações, o ouvinte E.S., de Montezuma-MG, afirma que, ao não ver o lance e apenas ouvir a descrição do narrador, ele sente “muito mais emoção do que quando tem a imagem”. Na mesma linha, O. R., de São José dos Campos-SP, afirma que “ouvir o jogo no rádio é muito mais emocionante do que assistir na televisão”.

No que se refere às mudanças nas transmissões esportivas ao longo dos anos, as respostas dos ouvintes apresentaram a maior pluralidade entre todas as categorias do estudo. Dentre os fatos mencionados, a introdução das mulheres nas jornadas esportivas, a busca por novos jeitos de narrar e o desenvolvimento de estratégias de interatividade, valem ser mencionados como elementos representativos que emergiram das falas dos sujeitos.

Sobre a menção à presença das mulheres como uma inovação, é importante apontar a primazia da Rádio Inconfidência na disponibilização de seu microfone para que uma radialista do sexo feminino narrasse uma partida de futebol. Ancorada em transformações sociais que foram abrindo espaço para o crescimento da inserção de mulheres como profissionais da comunicação, no dia 07 de novembro de 2017, Isabelly Moraes se tornou a primeira narradora de um jogo de futebol no rádio de Minas Gerais. Presente na transmissão de América-MG e ABC-RN, ela quebrou paradigmas e se estabeleceu na memória dos ouvintes da emissora.

Como prova disso, D.A., de Vitória-ES, afirma que acompanha jogos de futebol desde 1973 e que a grande mudança percebida foi a presença de mulheres nas jornadas esportivas. O ouvinte A., de Moeda-MG, por sua vez, foi mais explícito, citando de forma

direta a inovação trazida pelas narrações com voz feminina. Outro torcedor, que não quis se identificar, disse o seguinte:

A participação das mulheres na rádio, é algo novo e muito edificante. Elas tão jovens e entendem tanto de esportes no geral. O que dizer da Isabelly Morais narrando? É muito bom e maravilhoso. Isso só veio pra acrescentar e enriquecer ainda mais o futebol e mostrar que mulheres entendem sim de futebol, e isso não menospreza de jeito nenhum o trabalho dos homens.

Por outro lado, quando tomamos contato com falas sobre as buscas por novos jeitos de narrar e a utilização de estratégias para aumentar a interatividade, são reveladas questões já discutidas sobre a própria consolidação do rádio na transmissão de partidas de futebol. Em decorrência da necessidade de descobrir formas de tornar as jornadas esportivas mais interessantes e atraentes ao público, os locutores e as emissoras se colocam à procura de inovações capazes de agradar aos ouvintes e, conseqüentemente, lhes garantir algum diferencial em relação à concorrência.

Nesse contexto, A. S., de Rio Verde-MT, destaca as “curiosidades que são informadas no rádio sobre a partida”. Dada a ampliação das facilidades de acesso às informações, é essencial que os profissionais envolvidos nas transmissões dos jogos estejam por dentro de questões referentes ao embate narrado, ao histórico das equipes e aos acontecimentos cotidianos no meio futebolístico. Para tanto, a profissionalização dos narradores, repórteres e comentaristas representou um passo importante para a melhoria dos serviços das rádios, na medida em que permitiu a esses indivíduos a possibilidade de dedicarem mais tempo e recursos a atividades formativas.

Quando questionados sobre as mudanças proporcionadas pela popularização da internet, os ouvintes apresentaram uma gama menos variada de respostas. Nessa temática, enunciados curtos sobre a percepção ou não de mudanças, sem o acompanhamento de justificativas, apresentaram índices significativos de menções. Para deles, cabe destacar

as menções à possibilidade que a internet trouxe para que a rádio pudesse ser ouvida por um maior número de pessoas.

Tomando como referência a localização dos torcedores que enviaram respostas ao questionário, o destaque para as facilidades trazidas pela internet no que se refere à comunicação de larga distância, parece ser justificado. Dos 20 respondentes, 40% residem fora do estado de Minas Gerais e, dentre esses indivíduos, há um que possui moradia em outro país.

Para essas pessoas, a internet é, então, o meio de conexão com a Rádio Inconfidência, tanto para ouvir as transmissões esportivas, quanto para acompanhar outros programas da emissora. Tal vantagem é mencionada, até mesmo, por ouvintes residentes em Minas Gerais que, por possuírem a possibilidade de acompanhar as transmissões *on-line*, podem prescindir da posse de aparelhos de rádio.

Assim, F. S., de Araçuaí–MG diz que a “maior mudança é que você hoje pode ouvir o jogo pelo aplicativo e não precisa mais de um rádio de ondas baixas”. D.A., de Vitória–ES, afirma que quando saiu de Curitiba e foi para Vitória em 1986, não havia internet e ele “só ouvia pelo rádio de 7 faixas motoradio”, o que era uma grande dificuldade, fazendo, até mesmo, com que houvesse dias que ele não conseguia sintonizar o rádio. Com a introdução da internet a situação se transformou e, conforme mencionado por este ouvinte, está “tudo muito bem”.

Com relação ao último questionamento, ao serem perguntados sobre as possibilidades de interatividade e participação abertas pela internet, a maioria dos sujeitos demonstrou contentamento com a nova realidade. Para tanto, expressaram suas percepções sobre a importância da reciprocidade dos narradores, bem como do entusiasmo gerado pela oportunidade de participar ativamente das transmissões.

Do Japão, F.L. destacou a interatividade do rádio e a voz ativa do ouvinte durante a transmissão. J.A., de Itaúna-MG, disse que a interação é marca registrada da Inconfidência há vários anos, mas que hoje ela se apresenta de forma muito mais fácil, na medida em que antes isso era feito por cartas enviadas à redação. A ouvinte M. A., de São José dos Campos-SP, por sua vez, fez uma afirmação que mostra o papel que o rádio pode exercer em diferentes dimensões da vida das pessoas:

Acho excelente isso de poder interagir com vocês que estão tão longe. Mandar uma mensagem e poder ouvi-la no ar sendo lida é muito bom. Na primeira vez que mandei e ouvi fiquei muito emocionada e até hoje acho muito bom quando vocês leem o que escrevo. Estas participações me ajudaram em muitas coisas, principalmente quando eu estava fazendo um tratamento para a depressão. O esporte e essas participações foram de uma ajuda incrível pra superar tudo.

Dentre outras coisas, tais comentários revelam uma característica importante desse meio de comunicação, que é a proximidade estabelecida com as pessoas. Tal como dito por Alves (2014, p. 01) o “rádio, apesar de se tratar de um meio de comunicação social enquadrado numa lógica de comunicação de massas, tem historicamente um papel de relacionamento íntimo e próximo com o público em geral”. Primeira mídia eletrônica móvel do mundo, esse meio de comunicação mantém até os dias atuais o estabelecimento de diálogos permanentes com seu público, o que é valorizado e destacado pelos depoimentos dessa pesquisa.

Tendo a escuta do futebol como uma possibilidade de vivenciar o lazer, os sujeitos desse estudo revelaram suas percepções sobre as modificações que a internet trouxe à apropriação desse momento. Imersos em um cenário sociocultural onde elementos virtuais têm se feito cada vez mais presentes nos modos de vida da população, esses seres se mostraram adaptados e satisfeitos com a introdução de transformações na forma de ouvir o rádio.

Inseridos em espécies de comunidades desterritorializadas, os torcedores-ouvintes se manifestam e têm suas opiniões ouvidas nas jornadas esportivas. Sentindo-se

valorizados e pertencentes ao ambiente que envolve a transmissão dos jogos, eles estabelecem interações caracterizadas pela troca de informações sobre o futebol, aproximando indivíduos sem a necessidade da proximidade física entre eles (FRAGA; SILVA, 2010). Acabam, assim, por ampliar o vínculo com as emissoras e com os sujeitos que participam daquele círculo de sociabilidade.

A internet, nesse sentido, ao invés de afastar as pessoas do rádio, acabou por diminuir as fronteiras desse relacionamento. A comunicação que antes era feita por carta ou telefone, agora pode ser realizada com mais facilidade, a partir de mensagens enviadas e lidas instantaneamente, englobando locutores, comentaristas e os próprios ouvintes.

### **Considerações Finais**

Elemento importante para o estabelecimento e a consolidação do futebol como um artefato da cultura brasileira, o rádio é um meio de comunicação que passou por diversas transformações ao longo de sua história. Tendo chegado ao Brasil na década de 1920, a transmissão radiofônica se expandiu nos anos 1930, se apresentando, simultaneamente, como sujeito e objeto de mudanças econômicas, sociais e culturais que ocorriam no período.

Em uma sociedade desigual e com grandes taxas de analfabetismo, o rádio apareceu como um instrumento capaz de difundir informações para um público heterogêneo, atingindo pessoas que não podiam ler as mensagens publicadas pelos jornais e por outras formas de mídia impressa. Com uma linguagem mais acessível, combinada com a instantaneidade e o maior alcance da informação, esse equipamento teve um papel marcante na popularização do futebol no Brasil.

O improviso e a criatividade dos locutores foram essenciais para criar um estilo de comunicação capaz de atrair e manter a atenção dos ouvintes. Com o passar dos anos,

a mobilidade, a praticidade e a acessibilidade do rádio fizeram com que ele se tornasse um grande parceiro do público para o futebol. As novas possibilidades de interação, por sua vez, como a internet e o uso de redes sociais, fizeram o ouvinte se sentir cada vez mais parte da rádio, o que ampliou as possibilidades de uma audiência mais fiel, face à pluralidade de canais disponíveis.

Por meio de mensagens que podem endossar ou criticar posicionamentos de outras pessoas, os torcedores expõem posicionamentos, afirmam identidades, estabelecem concordâncias e desenvolvem conflitos, se apropriando das redes sociais como um espaço intrinsecamente relacionado ao acompanhamento das jornadas esportivas. Sem perder a sua essência, o rádio agrega as novas ferramentas digitais para ampliar seu raio de penetração e estender sua polifonia dialógica.

Quanto às percepções dos ouvintes sobre a comparação com outros meios de comunicação, observa-se a menção de questões relativas à capacidade dos locutores de rádio de transmitirem um maior teor emocional, despertarem mais curiosidade, ampliarem a interação e prenderem mais intensamente a atenção do público. Complementarmente, vale destacar as menções dos torcedores sobre a riqueza de informações do rádio que, por não ter o suporte da imagem, exige que o locutor proporcione menores tempos de pausa nas emissões de conteúdos sonoros.

No que diz respeito às transformações na narração esportiva ao longo do tempo, podemos concluir que os ouvintes que participaram da entrevista dão maior destaque a elementos recentes, como a interação provocada pela internet e a presença de profissionais mulheres na locução das jornadas. Sobre isso, merece destaque o pioneirismo da Rádio Inconfidência na inserção de uma narradora de futebol no estado de Minas Gerais, fato ocorrido no ano de 2017.

Mais especificamente sobre a internet e as modificações por ela geradas, a abertura de maiores possibilidades de interação para o público parece ser um elemento bem visto pelos ouvintes. Adequado por esses indivíduos através do contato com diferentes mídias digitais, esse novo modo de vivenciar as transmissões esportivas é parte das modificações de uma era.

Marcada pela expansão da virtualidade nas interações interpessoais, a sociedade contemporânea tem trazido, através das inovações tecnológicas, a aparição de novas formas de ser e de estar no mundo. Parte integrante da vida cotidiana, o lazer tem suas experiências imersas nessa dinâmica, inserindo as modificações trazidas pela tecnologia em diferentes campos de vivências.

No caso específico das transmissões de futebol pelo rádio, a tecnologia tem contribuído para ampliar os vínculos e o sentimento de pertencimento do ouvinte com a emissora de sua preferência. Mantendo características antigas, como a coloquialidade, a proximidade com o público e a simplicidade da comunicação, ao mesmo tempo em que agrega inovações trazidas pelo tempo, o rádio permanece como uma figura forte nas transmissões esportivas, não apenas levando o futebol para todo o Brasil, mas também contribuindo para formar novos torcedores e realimentar a paixão de várias gerações.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alda de; MICELLI, Márcio. Rádio e Futebol: os gritos de gol de Norte a Sul. **Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/2o-encontro-2004-1>. Acesso em: 23 jan. 2019.
- ALVES, Teresa Costa. A afetividade na comunicação radiofônica: do processo de produção de rádio à intimidade da relação locutor/ouvinte. **Revista Sonora**. Campinas, v. 5, n. 9, p. 1-7, 2014. Disponível em: <https://www.publilionline.iar.unicamp.br/index.php/sonora/article/view/671/644>. Acesso em: 25 out. 2019

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten**: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

CREPALDI, Daniel Damasceno. **A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40**. Orientador: Aldo Antônio de Azevedo. 2009. 97f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

FERREIRA, Erick Alan Moreira; SOUZA, Adriano Lopes de. Futebol e torcer. In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. (org.). **O ensino do futebol**: para além da bola rolando. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

FRAGA, Elisângela Aparecida Macedo; SILVA, Cinthia Lopes da. Comunidades virtuais de *internet*: atualização do debate sobre lazer. **Licere**, v. 13, n. 4, dez. 2010.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LEMONS, Gustavo Perez. Sobre classe e culturas. **Topoi**, v. 6, n.11, p.385-390, 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, v.5, n.69, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOSTARO, Filipe. **Imprensa e o futebol-arte**: as narrativas da “nossa essência futebolística”. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Santa Catarina: Insular, 2012.

REVISTA ALTEROSA. Moacir Gama, o animador de Reportagem Esportiva da Inconfidência. **Revista Alterosa**, ago. 1944, p. 104. Disponível em: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C. 16 / X – 113.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Orientadora: Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura. 501f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar**: O Rádio Esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. História do futebol. In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. (org.). **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016, p. 25-48.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZIMMERMANN, Arnaldo. **A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau**. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

### **Endereço dos Autores:**

Velise de Oliveira Maciel  
Avenida Antônio Carlos, 6627 – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – 31.270-901  
Endereço Eletrônico: velisemaciel@gmail.com

Mauro Lúcio Maciel Júnior  
Rua Jair Rodrigues Coelho, 211, sala 106 – Vila Bretas  
Governador Valadares – MG – 35.032-200  
Endereço Eletrônico: maurolmj9@hotmail.com